

WALDEN II: PROTÓTIPO DA SOCIEDADE ADMINISTRADA*

WALDEN II: PROTOTYPE OF ADMINISTRATED SOCIETY

Paulo Vinicius Baptista da Silva**

RESUMO:

Este artigo analisa, sob a perspectiva da Teoria Crítica, a obra intitulada *Walden II: uma sociedade do futuro* de autoria do psicólogo B. F. Skinner. A análise apresenta argumentos de que a obra representa um exemplo paradigmático do que os teóricos da escola de Frankfurt chamaram de “sociedade administrada”. A comunidade “utópica” Walden II, fundada sobre a ciência da experimentação comportamental, mantém relações econômicas e sociais como parte de uma “engrenagem” planejada e controlada, leva ao extremo a racionalidade, suprimindo a possibilidade da reflexão e da ética. A infância é apresentada em Walden II como objeto de controle absoluto, submetida à artificialidade, sem valor em si mesma. A história é negada. Os valores são relegados, levando a ausência de valores universais, embotando a capacidade para julgar.

PALAVRAS CHAVE:

teoria crítica; sociedade administrada; walden II, behaviorismo.

* A primeira versão desse texto foi apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Filosofia da Ciência, ministrada pelo Prof. José Leon Crochik, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC/SP.

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e-mail: paulosilva@ufpr.br

ABSTRACT:

This article analyses, under the Critical Theory perspective, the work entitled *Walden II: a society of the future*, from the psychologist B. F. Skinner. This analysis presents arguments that this work is a paradigmatic example of what theorists of the Frankfurt School called “administrated society”. The “utopian” community Walden II, founded on behaviorist experimental science, keeps economic and social relations as part of planned and controlled “gear”, and drives rationality to extremes, putting down possibilities of reflection and ethics. Childhood is presented in Walden II as object of absolute control, submitted to artificiality, without value in itself. History is denied. Values are relegated, carrying to absence of universal values, and blurring of judgement capacity.

KEY WORDS:

critical theory; administrated society; Walden II; behaviorism.

Sociedade administrada

Este artigo analisa, sob a perspectiva da Teoria Crítica, a obra do psicólogo B. F. Skinner intitulada *Walden II: uma sociedade do futuro*¹. O interesse pela obra é devido a ser uma proposta de uma comunidade utópica, que partiu do autor de maior importância do behaviorismo, como resposta a uma série de pequenos problemas do cotidiano (SKINNER, 1978, pág. VII), a críticas aos fundamentos do behaviorismo vindas da esfera filosófica (SKINNER, 1978, pág. VIII), e como extrapolação das possibilidades da análise experimental do comportamento de dar respostas aos problemas da humanidade (SKINNER, 1978, pág. IX e segs.). O que Skinner propõe é uma comunidade de aproximadamente 1000 pessoas, vivendo sob a égide da “Engenharia Comportamental”. Uma sociedade fundada sobre a ciência da experimentação comportamental, onde as relações econômicas e sociais fazem parte de uma “engrenagem” planejada e controlada. Uma organização que leva ao pé da letra a crítica de Adorno e Horkheimer (1985) à sociedade atual: Walden II é uma alegoria da sociedade administrada.

O fato da obra em pauta ser uma novela, e não literatura científica, reveste sua análise de um interesse maior. Para Adorno, as obras artísticas possuem uma relação mediada com a realidade histórico-social, como negação determinada (COHN, 1986, p. 20). A obra não somente reafirma as condições sociais que permitiram sua produção. Ela é a negação de tais condições, por não se prestar ao simples consumo, mas a apropriação.

As respostas que Skinner propõe são a problemas de que se ocuparam também os teóricos da Escola de Frankfurt, como a preocupação com os regimes autoritários, especialmente as influências de Hitler e Mussolini; e o aumento do consumismo decorrente dos problemas da sociedade industrial. Naturalmente as respostas aos problemas estão em níveis bastante distintos.

É de interesse que, se inicialmente Skinner parece produzir um manifesto para responder as críticas ao seu sistema, no prefácio da edição revisada de 1976 ele propõe que Walden II poderia ser um “experimento piloto”, para que progressivamente a população americana mudasse dos grandes centros urbanos para diversas “comunidades Walden”. Passou de simples especulações em formato de novela, para propostas de organização social.

O título do livro merece uma análise particular. Skinner, no prefácio da edição americana de 1969 (presente na tradução objeto de análise), lista cinco princípios

¹ SKINNER, Frederic B. *Walden II: uma sociedade do futuro*. Tradução de Rachel Moreno e Nelson Raul Saraiva. 2ª Edição. São Paulo: EPU, 1978. Copyright 1948 by B. F. Skinner. Renewed by 1976 by B. F. Skinner.

presentes na obra *Walden* de Henry David Thoreau, aos quais acresce outros cinco princípios como sendo os fundamentais de *Walden II*. Um prefácio que determina ainda mais explicitamente, como se o título já não o expusesse nitidamente, a afiliação à famosa obra de Thoreau. Em verdade é uma pretensão, que está distante de se concretizar. Thoreau, em *Walden*², faz uma crítica contundente à sociedade americana, à sua pretensa democracia representativa baseada na propriedade como valor primordial. Sua afiliação filosófica lhe permite a agudez da crítica. Thoreau, ao refugiar-se no lago *Walden* para levar uma vida de pouco trabalho e muita reflexão, leitura e escrita, como também para distanciar-se do sistema que odiava, levava os teóricos pré-socráticos como companhia. Para ele, Sócrates e Platão já traziam os elementos de organização da sociedade hedionda que rechaçava. Por isto insistia na leitura dos filósofos pré-socráticos e obras orientais, visto não serem herdeiros dos desvios cometidos por aqueles. O polêmico Thoreau, chamado de “anarquista individualista”, mas com uma obra difícil de categorizar, defende uma vida de contato direto com a natureza e baseada em princípios éticos derivados da reflexão. Sua obra traz o elogio da diversidade de concepções e de comportamentos. Encontra-se semelhança entre os propósitos de sua obra e as de Adorno: “a defesa da diferença qualitativa, da particularidade, da individualidade ameaçada pelo avanço da sociedade como totalidade integrada e tendencialmente assimiladora universal” (COHN, 1986, p. 23). O *Walden II* de Skinner, por sua vez, representa a tentativa de controle absoluto, como será discutido nos tópicos que seguem. No decorrer da análise serão apontadas as contradições em relação ao esclarecimento, para não manter uma pré-determinação linear sobre a obra. Mas, fundamentalmente, a obra realiza o acirrar das proposições positivistas/empiristas.

O prefácio citado serve para verificar a distância entre os dois autores. Aos cinco princípios constantes na obra *Walden* de Thoreau, Skinner acrescenta outros cinco. Vejam-se as introduções de alguns dos princípios adicionados pelo autor de *Walden II*: “6. Construa um modo de vida...” “7. Mantenha esse mundo...” “8. Transmita a cultura eficazmente...” O foco é deslocado para o controle, organização, e a eficácia na organização social.

Skinner propõe uma comunidade onde os problemas sociais são equacionados pela racionalidade da ciência. Note-se que é uma posição oposta à crítica dos teóricos de Frankfurt à racionalidade instrumental. Adorno e Horkheimer (1985) criticam a fé da modernidade na racionalidade do esclarecimento, que promete libertar o mundo da superstição, ignorância e sofrimento. A herança da racionalidade científica representa

² THOREAU, Henry D. *Walden*. Tradução de E. C. Caldas. Rio de Janeiro, Ediouro, 1988. Copyright 1854 by H. D. Thoreau.

um dos fundamentos centrais do pensamento ocidental desde Platão. O esclarecimento, ao contrário das promessas de uma evolução contínua da humanidade e de possibilitar uma sociedade justa, redundou em fracasso. Ao inverso de uma evolução constante, Adorno e Horkheimer (1985, 1999) apontam que a sociedade atual tem apresentado sintomas de regressão à barbárie. A barbárie atual se relaciona à administração, à tecnologia e a racionalidade. São exatamente estes os princípios de Walden II: uma comunidade onde um pequeno grupo domina a “engenharia comportamental”, a tecnologia do comportamento humano, e faz uso dela para administrar “racionalmente” a vida das pessoas. O conhecimento científico sustenta na comunidade tanto as emoções e formas de se comportar das pessoas quanto às práticas relacionadas ao trabalho e ao lazer. Todas as atividades são submetidas a tratamento experimental, no intuito de melhorar a sua eficácia. Adorno (1999) propôs que a redução do conhecimento ao domínio exclusivo da ciência e a submissão desta à metodologia suprimem a possibilidade da crítica. O experimentalismo extremo de Walden II pode ser submetido a esta análise.

A Narrativa

O autor de Walden II utiliza-se de um narrador para descrever a comunidade utópica. Este é o professor Burris, que além de narrador tem um papel de mediador nas discussões travadas no decorrer das descrições. Os outros personagens são Frazier, o mentor da comunidade, descrito como professor universitário brilhante que deixou a carreira acadêmica para fundar e dedicar-se a comunidade Walden. Castle, professor de filosofia que exerce o papel de questionador das práticas sociais de Walden II. E dois jovens casais que acompanham os professores na visita a Walden II; Steve e Mary, casal que não possuía perspectivas em seu entorno social, e que encontrou em Walden II a solução para seus anseios; Rodge e Bárbara, que são apresentados como vítimas da sociedade “infra-waldeniana”, por contingências além de seu controle, conformados e sem horizontes além dos bens materiais e conforto.

Os casais têm uma menor participação na trama. São personagens que servem para que o autor exponha as contingências de controle de comportamento a que as pessoas estão sujeitas na sociedade, e as possibilidades de uma vida diversa em Walden II. Tem uma discreta participação nos diálogos. Estes compõem a maior parte do texto, e se desenrolam em torno das observações realizadas sobre a comunidade Walden. Como se trata de uma visita, naturalmente Frazier ocupa um papel de destaque na utilização da palavra, pois tem o papel de apresentar a cidade para os visitantes. No decorrer do texto, o autor dá algumas dicas de que se trata de que Frazier é uma alegoria de si mesmo. Burris, o narrador da visita, tem um tom comedido e diplomático. É apresentado como o personagem do “bom senso”, sempre analisando com cautela o

que os outros dizem, buscando compreender os argumentos dos outros e tomando partido em função da argumentação apresentada. Castle, por sua vez, tem um papel de criar polêmica. É apresentado como um professor que busca a discussão todo o tempo e não se satisfaz com argumentos frágeis. Entretanto, tem um tom em certa medida patético, pois muitas vezes discorda do que lhe está sendo apresentado muito mais por exercitar a discordância que por fragilidades que observa. Sua argumentação mantém uma postura principalmente humanista. Este é, portanto, o principal interlocutor a que Skinner responde. Ainda sobre a fragilidade de Castle, ela é expressa tanto por uma argumentação pobre, que não consegue opor-se ao muito melhor articulado discurso de Frazier, como por algumas atitudes do personagem tomadas face a impossibilidade de contra-argumentar.

Tomemos os três personagens como autobiográficos, supondo, como também é indicado por Skinner nos diálogos finais, que as discussões entre os personagens são na verdade as discussões internas e inquietações que povoam a sua consciência. É de importância que os diálogos representem a reflexão do próprio autor, as dúvidas que lhe atormentam e as desconfianças que possuem suas próprias proposições. É um exercício louvável. No entanto, a forma de sua expressão é dialeticamente oposta. Castle representa a fragilidade da filosofia, sua incapacidade de dar respostas ao projeto positivista. A reflexão é tomada como um artifício, como forma de negar a si mesma a validade. Castle representa o assassinato da filosofia. A racionalidade científica e o culto aos fatos são sobrepostos à capacidade de teorizar. As relações entre os personagens reafirmam o que é decorrente da própria estrutura narrativa da obra. O culto aos dados e à descrição dos fatos, que é a afirmação do positivismo (ADORNO, 1995a).

Infância e Educação

A infância é apresentada em *Walden II* como objeto de controle absoluto que garante e irá garantir o sucesso da proposta da comunidade. As crianças são tomadas como personalidades amorfas. Suas "respostas" dependerão do programa de controle de comportamento a que estão submetidas. De forma ainda mais contundente que na sociedade atual, as crianças não têm valor em si mesmas, mas somente por adultos que virão a ser. No passeio dos personagens pela cidade, inicialmente são levados ao berçário para crianças de até três anos. Na entrada, são logo advertidos que seu contato com as crianças será breve, pois estas devem ser preservadas de riscos de contágios infecciosos. O ambiente em que são criadas é totalmente artificial: cabinas de vidro, à prova de som, com controle total de temperatura e umidade, em acordo com a idade e necessidade dos bebês. Ar filtrado. Tecido plástico que absorve a umidade no solo. Crianças somente de fralda todo o tempo. É dito que o contato com os pais e outros adultos é incentivado,

mas sob um controle total do programa de reforçamento a que os bebês são submetidos. O ambiente para as crianças de três a seis anos é muito similar, com o acréscimo de uma sala para vestuário e saletas para divertimento. Sobre o “amor materno” é dito que este é ampliado para o amor de todos na comunidade, com afeto planejado, para que as crianças não fiquem sujeitas as irritações de adultos decorrentes de fatos que lhes são alheios. O programa de reforçamento das crianças apresenta um aspecto muito enfatizado no texto que é o controle das emoções ditas destrutivas. Ciúme, inveja, cólera, medo, raiva, tristeza e ódio são emoções quase desconhecidas pelas crianças em Walden II. Por meio da engenharia comportamental, elas são substituídas ou atenuadas. “Quando um bebê sai de nosso berçário inferior, desconhece totalmente a frustração, a ansiedade e o medo. Nunca chora, exceto quando está doente, o que ocorre raramente, e sente vivo interesse por tudo.” (SKINNER, 1978, p. 100).

Para que as crianças não estejam sujeitas a tais sentimentos, e ao mesmo tempo sejam preparadas para as frustrações da realidade posterior, os aborrecimentos e frustrações são introduzidos gradualmente. Este processo é descrito com certos exemplos de frustração a que as crianças são submetidas. Uma tarefa para as crianças de três anos é receber um pirulito envolto em açúcar refinado, que poderão consumir posteriormente caso não apresente nenhum toque de língua. Este é o início de uma série de procedimentos de autocontrole, que Frazier chama de “educação ética” das crianças, e que é concluído aos seis anos. Outro exemplo, é das crianças que após realizarem tarefas de grande dispêndio de energia, são colocadas em frente as terrinas de sopa das quais se alimentarão, mas devem permanecer alguns minutos observando a sopa, antes de servirem-se. Algumas variações de tempo de espera e de atividades são utilizadas.

A proposta de um ambiente artificial com condições ambientais favorecedoras ao seu “bem-estar” é coerente com uma sociedade que valoriza cada vez mais a assepsia e a artificialidade. Ao contrário de um retorno à natureza, promove um distanciamento ainda maior. O impedimento do contato com a natureza é a proibição de contato com a vida. Mesmo para as psicologias calcadas no indivíduo, o tipo de cuidado proposto por Skinner não encontra fundamento, dado a absurda artificialidade que propôs. O texto dá ênfase aos aspectos de regulação ambiental, e às questões relacionais ficam em plano posterior. A lógica de sua proposição pode ser encontrada na regressão ao mundo administrado do qual falam Adorno e Horkheimer (1985). Esses autores propõem uma relação de convivência pacífica do homem com a natureza, sem submissão a esta. Walden II propõe a dominação da natureza e dela afasta ainda mais os sujeitos.

Um aspecto que tem realce nos exemplos de tarefas educativas descritas por Frazier é o sacrifício. Não é por acaso que em ambos os exemplos, as tarefas propostas

para as crianças sejam a de sacrificar o seu ímpeto natural em prol de um benefício posterior. Adorno e Horkheimer (1985) postulam que o sacrifício na nossa sociedade implica a oposição entre o indivíduo e a coletividade, tendo a impostura como componente objetivo. “Todo sacrifício é uma restauração desmentida pela realidade histórica na qual ela é empreendida. A fé venerável no sacrifício, porém, já é provavelmente um esquema inculcado, segundo o qual os indivíduos subjugados infligem mais uma vez a si próprios a injustiça que lhes foi infligida, a fim de poder suportá-la.” (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 59). A idéia de Skinner de uma determinação objetiva do comportamento humano é na verdade uma armadilha que prende a si próprio. Sua tentativa de escapar das limitações da história por meio de um modelo experimental é lograda, e acaba na lógica da repetição. Ao acreditar que uma estrutura social baseada na razão poderia livrar os homens do sacrifício, acaba demonstrando a afirmação de Adorno e Horkheimer (1985) que quanto mais a sociedade se desenvolve, o sacrifício é cada vez menos necessário, mas maior é a necessidade que se tem dele.

Outro ponto observado em Walden II acirrando a regressão diz respeito ao controle das emoções. De acordo com Frazier, o comportamento dos habitantes de Walden II, e das crianças em particular, é moldado de forma que se sintam “felizes”. O que se observa é a criação de autômatos. “É preocupante a exaltação do ‘feliz’, como maquinaria produzida, externa às crianças, como algo que se porta, e não o que se sente” (SOUZA, 2000). O aprisionamento das crianças é eficaz, tornando-as adaptadas ao mundo de Walden II, como, utilizando os termos e idéias de Skinner, seres humanos que inevitavelmente estão presos à contingências do meio, portanto não são livres. A manipulação científica em Walden II lhes cria a impressão de liberdade. “O esclarecimento tem sido proposto e tratado pela escola e sociedade autoritárias no esmagamento das crianças. À medida que estas instâncias formadoras criam uma justura das crianças em relação ao esclarecimento, a despeito delas mesmas, o conhecimento se torna inócuo, é como uma árvore que seca por dentro e é corroída apesar de se ver os galhos e o tronco frondoso.” (SOUZA, 2000). Com a hipótese de que os seres humanos estão condenados a controles externos, Skinner descreve uma sociedade onde os controles internos são mais eficazes. Assim, é possível deixar de usar as “punições” e “estímulos aversivos” para controlar o comportamento. Formas de controle que impedem a reflexão, que Crochick (2000) destaca como peculiares à “prisão” moderna. A força coercitiva é substituída, no caso de Walden II, pela manipulação da engenharia comportamental.

Ainda acerca dos exemplos relatados acima, a referência ao tratamento da ética é outro ponto a discutir. O texto traz a “formação ética” como autocontrole a ser ensinado, e seu aprendizado se completa aos seis anos de idade. É difícil discernir qual conceito de ética é utilizado no texto. Pelo tratamento apressado e reducionista do tema, fica implícita

a ausência da reflexão ética. Os valores como liberdade e felicidade são tratados como sensações a que artificial/ilusoriamente os habitantes de Walden II são induzidos. A possibilidade de reflexão, a organização de estruturas valorativas, a possibilidade de crítica a interesses contraditórios, são negadas absolutamente, como não tomando parte da esfera das relações humanas.

A História

No decorrer do livro, o autor realiza ataques constantes à ciência histórica. Suas críticas estão centradas em dois pontos: a história enaltece os indivíduos e produz heróis; e é uma disciplina teórica cujo objeto está no passado e o único método de trabalho se dá pela reconstrução.

No primeiro ponto destacado – a história dos heróis –, nos parece que Skinner opõe-se tão francamente a história, não por aversão, antes por medo, por medida de segurança. Afinal, que é a história dos grandes homens, senão a exaltação do indivíduo em relação ao coletivo? Qual o receio do autor senão o da individuação? É propriamente o medo das distinções feitas pela história tradicionalista – que divide os homens por graus de atuação e de importância, que não os iguala, como quer o autor, mas os distingue – que fez rejeitá-la. Ao projetar tal idéia de história, observa-se um equívoco: a história dos imperadores, dos heróis, dos grandes homens é somente uma forma de abordagem histórica. E já em épocas anteriores a primeira edição de Walden II, 1948, muitos historiadores envolviam-se em amplas discussões sobre a questão da história dos grandes homens e a história contemplando o coletivo. É marco importante o manifesto da escola de historiografia francesa, *O Mediterrâneo*, de Fernand Braudel, publicado em 1949 (BURKE, 1991). Skinner aponta, timidamente, no prefácio de 1976, o deslize, quando escreveu: “Os historiadores pararam de escrever sobre guerras, heróis conquistadores e impérios e voltaram-se para aspectos que, embora menos dramáticos, são bem mais interessantes.” (1978, pág. XVIII).

O princípio evolucionista parece ter sido adotado por Skinner para considerar a ciência do comportamento como ciência mais nobre produzida pelo homem até o momento, a única capaz de libertar o mundo das injustiças e das misérias. Este princípio é compartilhado pela história tradicional, aquela dos grandes homens e dos heróis.

Um objetivo importante da obra de Adorno e Horkheimer “Dialética do Esclarecimento” (1985) foi o de descrever a história como um processo descontínuo, em que a evolução não tem lugar. A obra busca vem por abaixo a visão de “progresso”, negando a visão evolucionista sobre a história.

Mesmo negando a história, o sistema que é descrito em Walden II está sujeito a sua influência. Skinner apresenta uma relação de causa e efeito entre a historiografia tradicional e a política. “Em ciência, os experimentos são planejados, verificados,

alterados, repetidos – mas não em política [...] Não temos um conhecimento cumulativo real. A história não nos diz nada. É uma tragédia do reformador político. Não tem nada com que trabalhar, além de uma espúria ciência da história.” (SKINNER, 1978, p. 238). Sua concepção reduz nos dois pólos. A política é tomada na acepção simples de disputa e gestão em cargos públicos em um estado “democrático”. As relações de poder entre as pessoas e grupos de determinada sociedade ou comunidade são desconsideradas. A história é tomada como uma curiosidade, similar à literatura, mas que não possui valor científico algum. Ao contrário, segundo sua concepção, história é uma forma de ilusão, que serve para ofuscar os verdadeiros determinantes do comportamento humano.

Para Adorno e Horkheimer (1985), e Adorno (1995a), a história é fundamental. As ações humanas são datadas. É impossível compreender o empreendimento da humanidade sem fazer alusão ao seu desenvolvimento temporal. A própria proposta do “excurso I” da obra *Dialética do Esclarecimento* demonstra o valor dado à história. Na epopéia a *Odisséia*, Ulisses é tomado como protótipo do homem burguês, para afirmar a tese que o processo que estamos vivendo de barbárie na sociedade tem raízes muito mais antigas que a ascensão da burguesia ao final da idade média. Embora intensamente preocupados com a evolução histórica, esta não é tomada como linear e na acepção evolucionista. Em verdade se desenrola em movimentos complexos, nos quais as rupturas e contradições são parte constituinte. Ao discutir o preconceito racial, Adorno argumenta que o conhecimento da história é fonte de emancipação. “A elaboração do passado como esclarecimento é essencialmente uma tal inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua autoconsciência e por esta via, também o seu eu.” (ADORNO, 1995b, p. 48). Portanto, o conhecimento sobre os processos de modificação na sociedade são elementos vitais para sua compreensão e mesmo para a possibilidade de não sucumbir à barbárie. Diametralmente oposto à perspectiva que nega a história.

Trabalho

A organização econômica de Walden II apresenta uma série de peculiaridades. Ao invés de dinheiro, as tarefas executadas pelos habitantes da cidade têm o valor de créditos-trabalho. Cada habitante da comunidade deve “pagar pelo que usa” (p. 53) 1200 créditos-trabalho por ano, ou quatro por dia. O valor do trabalho depende do interesse que desperta nas pessoas. Os trabalhos de maior interesse têm uma proporção menor que de uma hora para cada crédito-trabalho, enquanto que as tarefas que poucos membros dispõem-se a realizar têm uma proporção inversa, menos de uma hora equivale a um crédito-trabalho. Foi relatada a eliminação de trabalhos desnecessários, inclusive o trabalho doméstico (que foi industrializado). “Nenhum industrial tem se esforçado tanto para livrar-se de um trabalhador desnecessário. A diferença é que nós nos livramos do

trabalho, não do trabalhador. [...] Simplesmente, livramo-nos do trabalho desinteressante e não criativo." (SKINNER, 1978, p. 78).

A definição das tarefas a serem executadas é realizada pelas próprias pessoas. Cada um pode selecionar o que desempenhar, em acordo com seus interesses e aptidões. O sistema variável de créditos visa diminuir as disparidades em torno das opções. Assim, um trabalho que está sendo pouco procurado passa a ter um valor maior, e então voltam a procurá-lo.

A racionalização das atividades de toda a cidade fez com que a necessidade de trabalho de cada membro diminuísse. Isto significa maior tempo para as pessoas se dedicarem à atividades de outra natureza e de seu interesse.

A organização descrita equaciona, usando da racionalidade, alguns problemas em relação ao trabalho na sociedade atual. O fato de o trabalho ser autocondicionado, isto é, a possibilidade dos indivíduos optarem pelas tarefas que irão executar, e não ficarem presos a estas tarefas ou postos. Na medida de suas necessidades, podem modificar as atividades de produção e, inclusive, tem uma maior liberdade em relação ao tempo. Em caso de optarem por dedicarem-se mais tempo a atividades não produtivas, basta desempenharem tarefas das menos procuradas, que com isto diminuem o tempo de dedicação ao trabalho. Aliado a estes pontos, o uso da racionalidade para livrar as pessoas dos trabalhos repetitivos é de destaque positivo. A repetição no trabalho industrial vem sendo denunciada como forma de deformação dos indivíduos.

Ao explicar a dinâmica de funcionamento do sistema de trabalho, Frazier se esmera em oferecer detalhes sobre como as quatro horas de Walden II significam mais que as oito horas diárias da jornada americana. Em um longo trecho de diálogo, vai computando progressivamente cada hora em função das particularidades de Walden II. Tal esforço não é incólume. Verificada a lógica desta organização, embora com menos horas de obrigatoriedade, a escravização ao trabalho é mantida como forma alienante. Há que se comparar a evolução nas formas de produção do sistema capitalista. Na fábrica de organização fordista, os indivíduos desempenham tarefas altamente repetitivas, não possuem informações sobre o produto de seu trabalho, e estão sob uma linha hierárquica claramente coercitiva. Nas novas formas de produção, como a *loan producción*, as conhecidas reengenharias de produção, não encontramos mais uma linha hierárquica tão definida, os trabalhadores devem conhecer o produto e sua inserção no mercado, de tal forma que possam "intervir criativamente", isto é, dar sugestões para a melhora do produto e da produção, o que implica em não mais estarem sujeitos a simples repetições de ações mecânicas. Tais modificações no trabalho trouxeram a emancipação? Claramente a resposta é negativa. O processo de alienação e submissão deixou de ser explícito, e passou a ser subliminar. Faz parte do aperfeiçoamento das

formas de controle, de que nos fala o texto citado acima de Crochik (2000). O aperfeiçoamento proposto para Walden II caminha nesta direção. O empirismo que a sua comunidade utiliza aprisiona os indivíduos ao próprio empírico, impedindo a reflexão. A crítica de Adorno (1999) ao positivismo, de que este em sua luta infatigável contra a mitologia, mitologiza a ciência, é pertinente para a descrição realizada. Os habitantes de Walden II acabam sob a égide do deus “racionalidade” ou “ciência experimental”. Presos ao empírico, sua atividade laboral não lhes permite ir além do animismo. A proposta de uma organização totalmente eficiente e produtiva é a mesma da organização econômica atual, com um homem formado a partir de tíquetes, o que lhe inviabiliza um projeto humanizador real, lhe embota a capacidade de reflexão (ADORNO, 1999).

A guisa de conclusão

A hipótese de Adorno de regressão da sociedade pode ser relacionada ao fato da obra, Walden II, em 1948, ter sido praticamente ignorada, e 12 anos depois passou a ser procurada. É possível pensar em um acolhimento da obra à medida que suas propostas encontraram maior proximidade às formas de pensar dos leitores.

A análise realizada apresenta argumentos de que a obra representa, sem a intencionalidade de seu autor, um exemplo paradigmático da regressão, no sentido frankfurtiano, a que estamos sujeitos na contemporaneidade. A comunidade “utópica” Walden II leva ao extremo a racionalidade, suprimindo a possibilidade da ética. Os valores são absolutamente relegados, levando a ausência de valores universais, embotando a capacidade para julgar.

A tentativa é de livrar-se também da política, via o racionalismo instrumental. Skinner critica o papel da política na sociedade contemporânea, e diz estar acompanhando a proposta do Thoreau de procurar um caminho à margem das organizações políticas instituídas. No entanto, ao descrever a comunidade, ele apresenta os cargos de poder na comunidade: “diretores” numa instância local, e “planejadores”, na geral. Estes, principalmente, estão revestidos de um imenso poder, pois são os que determinam a engenharia comportamental que rege as relações na comunidade. Sua escolha é por um processo indireto. Os critérios para a escolha de diretores e planejadores são exclusivamente técnicos: “são personagens cuidadosamente treinados e especialistas” (Skinner, 1978, p. 57). Estes critérios seriam suficientes para os planejadores agirem sempre com justiça e coerência. Voltamos ao mesmo ponto da crítica anterior: a crença absoluta na ciência, transformando-a em mito.

Novamente fica expressa a tese básica da Dialética do Esclarecimento (Adorno e Horkheimer, 1985). A razão burguesa, ao combater de modo irrefletido o mito, acaba convertendo-se ela própria em mito. “O progresso inexorável é a regressão inexorável”.

Razão e mito articulam-se em torno desse núcleo. À parada da reflexão corresponde o movimento desenfreado, compulsivo, do progresso que arremete às cegas. O esclarecimento deverá abrir-lhe os olhos, para que faça justiça à sua pretensão.

A pretensão de Walden II, fora descrita na Dialética do Esclarecimento: “A *confiança inabalável na possibilidade de dominar o mundo*, que Freud anacronicamente atribui a magia, só vem corresponder a uma dominação realista do mundo graças a uma ciência mais astuciosa que a magia” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 25, grifo dos autores). A forma astuciosa da autoconservação é a luta pelo poder fascista, para os dirigentes, e a adaptação incondicional às injustiças, para os indivíduos (Adorno e Horkheimer, 1989, p. 89). Os planejadores e os autômatos (para os quais a essência é a igualdade) de Walden II levam a cabo estas afirmações.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, T. W. Sobre Música Popular. Tradução de Flávio R. Kothe. In: COHN, G. (org.) *Textos de T. W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. Acerca de la relación entre la sociología y la psicología. In: *Actualidad de la filosofía*. Barcelona: Paidós, 1991.
- _____. *Palavras e sinais*: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995a.
- _____. *Educação e Emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.
- _____. Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã. In: *Os Pensadores*: Adorno. Tradução de Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BURKE, P. *A revolução francesa da Historiografia*: A escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo: Unesp, 1991.
- COHN, G. Adorno e a Teoria Crítica da Sociedade. In: COHN, G. (org.) *Textos de T. W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- CROCHÍK, J. L. A corporificação da psique. *Educar em Revista*. Curitiba, UFPR, n. 16, p. 27-41, 2000.
- SKINNER, F. B. *Walden II*: uma sociedade do futuro. Tradução de Rachel Moreno e Nelson Raul Saraiva. 2ª Edição. São Paulo: EPU, 1978.
- SOUZA, G. de. *Educação de Crianças Pequenas*: a busca pela emancipação! Curitiba: mimeo, 2000.
- THOREAU, H. D. *Walden*. Tradução de E. C. Caldas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

RECEBIDO EM MAIO DE 2008
APROVADO EM JULHO DE 2008